

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP**VIVA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA!****VIVA O GLORIOSO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA!****HÁ 10 ANOS 650 MILHÕES DE CHINESES LIBERTARAM-SE
PARA SEMPRE DAS ALGEMAS DO IMPERIALISMO E DA REACÇÃO**

Passaram dez anos desde o dia 1 de Outubro de 1949, em que se proclamou a República Popular da China.

A vitória da revolução popular na imensa China foi, depois da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, na antiga Rússia, um dos maiores acontecimentos na história da humanidade.

A revolução chinesa não somente libertou da opressão imperialista e da reacção semi-feudal a nação mais populosa do mundo, como veio alterar a correlação mundial das forças entre o campo socialista e o campo capitalista, num sentido favorável ao socialismo.

A revolução popular chinesa assinala o início da derrocada do vergonhoso sistema colonialista na Ásia e na África, com a libertação de numerosos povos destes continentes. Esse movimento libertador dos povos da Ásia e da África libertou já do jugo colonial ou semi-colonial 28% da superfície e 30% da população da Terra.

O exemplo e a experiência da revolução popular chinesa têm e continuarão a ter para o futuro uma importância muito grande no ascenso geral da luta anti-imperialista de libertação nacional dos povos coloniais e no desenvolvimento dos países asiáticos que já conquistaram a sua independência nacional.

A velha China era um país semi-feudal e atrasado, no qual as massas populares viviam oprimidas e privadas de direitos. A camarilha governante caracterizava-se pela sua venalidade e incapacidade para defender os interesses nacionais do país — o governo fantoche de Chang-Kai-Chek é o último representante dessa camarilha! Por isso a China se converteu num país semi-colonial, dominado pelo capital imperialista estrangeiro e onde se deglaciavam os interesses vorazes desses expliadores do grande povo chinês.

A revolução popular chinesa trouxe 650 milhões de pessoas para o campo socialista, lançou esses milhões de pessoas na construção da sociedade socialista sob a direcção do grande Partido Comunista da China e do Governo Popular da China, fez da China Popular uma grande e poderosa nação.

O Partido Comunista da China, interpretando o sentir das vastas massas da nação chinesa, resolveu mobilizar totalmente a actividade e iniciativa criadora duma população de mais de 650 milhões de habitantes colocar decididamente em movimento todos os factores dinamizadores das massas populares,

tentar atingir as normas de produção mais elevadas e o ritmo de desenvolvimento mais rápido. Por isso a marcha do povo chinês para o socialismo se está a fazer duma forma impetuosa.



São exemplos magníficos da impetuosidade e desenvolvimento da economia nacional da China o facto da fundição do aço ter passado de 5,35 milhões de toneladas em 1957 para 11 milhões em 1958, da ex-

tracção de carvão mineral, no mesmo intervalo de tempo, ter passado de 130 milhões para 270 milhões de toneladas, de, no curto espaço de um ano, se ter passado de 28.000 para 90.000 unidades na construção de máquinas ferramentas; a colheita global de culturas alimentares passou de 185 para 375 milhões de toneladas, a colheita de algodão, no mesmo intervalo de um ano, passou de 1,64 milhões para 3,35 milhões de toneladas. Também se registaram importantes aumentos quanto a outros tipos de produção industrial e agrícola. No seu conjunto, a produção industrial e agrícola, em 1958, teve um aumento de aproximadamente 70%, em comparação com 1957. Escusado será dizer que na história anterior da China nunca se registara um ritmo de desenvolvimento semelhante na economia nacional.

Em 1958 muitas das grandes empresas industriais da China aumentaram várias vezes a sua produção, facto que está indissolúvelmente ligado ao vasto desenvolvimento dos movimentos de massas nas grandes empresas a favor do incremento da produção e da inovação técnica.

(continua na 2.ª pág.)

NUVENS NEGRAS SOBRE A ECONOMIA NACIONAL

Aproximam-se momentos extremamente difíceis para a vida das classes trabalhadoras e para toda a economia do País.

Sob o embate da depressão económica mundial do capitalismo e da guerra comercial que divide actualmente a Europa capitalista em dois blocos antagónicos — o Mercado Comum Europeu, chefiado pela Alemanha Ocidental e a Pequena Zona de Livre Comércio, chefiada pela Inglaterra — agudizam-se rapidamente os factores de crise da economia nacional, engendrados pela política de Salazar.

O que está presentemente no choque é a intensificação violenta do processo monopolista empreendido por Salazar desde a sua chegada ao Poder, é a penetração sem entraves do capital monopolista estrangeiro nos ramos fundamentais da economia da Nação, com tudo o que isso representa de ameaçador para a nossa independência nacional, é o desalojamento brutal do produto português pelo produto estrangeiro no próprio mercado nacional, é, finalmente o encerramento de centenas de unidades fabris com a consequente formação dum vasto exército de desempregados e todo o seu cortejo de miséria, ruína e fome.

Esta é de facto a perspectiva da

política anti-nacional levada a cabo por Salazar.

Um novo impulso para a concentração monopolista em Portugal

Numerosos factos indicam que o processo monopolista a que Salazar submeteu a economia do País vai ser agora brutalmente intensificado.

Sabe-se como o chamado 1.º Plano de Fomento resultou num reforço extraordinário dos monopólios e na intensificação dos investimentos norte-americanos em certos ramos básicos da economia nacional e nas colónias.

Sabe-se também como isso proporcionou a obtenção e acumulação de lucros fabulosos a grandes empresas monopolistas como a CUF, a CP, a SACOR, as CRGE, as Hidro-eléctricas e outros potentados industriais, e como o capital financeiro se apossou efectivamente do controle das actividades económicas da Nação. Só nos 10 anos que se seguiram à 2.ª guerra mundial, os bancos viram aumentada a sua carteira comercial em cerca de 212%, enquanto que o seu activo subiu de 17 milhões de contos, em 1938, para cerca de 85 milhões em 1954, seja, cerca de mais 398%.

MOBILIZAR, ORGANIZAR E UNIR AS FORÇAS DA OPOSIÇÃO PARA CONCORRER ÀS ELEIÇÕES DAS JUNTAS DE FREGUESIA!

O governo anunciou num repente a realização durante o mês corrente, das eleições para as Juntas de Freguesia. Esta iniciativa dos governantes salazaristas é, em grande parte, fruto da pressão popular e da campanha de desmascaramento empreendida pelas forças anti-salazaristas, em primeiro lugar pelo Partido Comunista Português.

Como se sabe, Salazar ordenou ilegalmente o adiamento destas eleições que deviam ter-se realizado, como prescrevia a Constituição, no terceiro domingo do mês de Outubro do ano transacto. Fe-lo por temer a força do movimento popular e por não ter confiança na eficiência do seu aparelho político e administrativo que abrisse brechas profundas durante e depois da burla eleitoral de 8 de Junho.

Apesar das medidas postas em prática desde então, ofensiva terrorista contra o movimento democrático, particularmente contra o Partido Comunista e o movimento operário; demissões e substituição massivas de governadores civis e presidentes das câmaras municipais; remodelação quase geral das comissões executiva, distritais e concelhias da União Nacional; alteração da Constituição para se precaver dos perigos dum «golpe de Estado constitucional», etc., é ainda por medo do povo que o governo salazarista anunciou agora, com tão pouca antecedência, as eleições para as Juntas de Freguesia e apresentou de forma propositadamente confusa as normas para a sua realização.

O governo quer assim impedir que as massas populares escolham os homens mais idóneos para gerir as autarquias locais num período em que deverão realizar-se as eleições para a Assembléa Nacional, segundo a nova fórmula anti-democrática prescrita na Constituição.

Foi ainda pela mesma razão que Salazar temeu marcar para um mesmo dia, à escala do país, a realização das actuais eleições afim de evitar uma grande movimentação (continua na 2.ª pág.)

E o que sucedeu às pequenas e médias empresas industriais, comerciais e agrícolas? Que o digam os operários e industriais corticeiros que viram encerrar-se dezenas de fábricas; os conserveiros; os têxteis que vivem há anos em laboração reduzida; os resineiros; os papelleiros e tantos outros que, pouco a pouco, foram eliminados da produção ou relegados a uma situação insustentável.

O 2.º Plano de Fomento, já em execução, levará ainda mais longe as consequências ruinosas do 1.º. Novos e chorudos benefícios estão assegurados ao grande capital português e estrangeiro. Serão os monopólios da siderurgia (ligado ao trust alemão Demag), dos adubos azotados (ligados à CUF e aos trusts Solvay e Comptoir Belge de L'Azote), da celulose (ligado a Solvay), da refinação de Petróleos (ligado a Redventza), os da electricidade e os grandes empórios colonialistas que serão os principais beneficiários deste novo Plano de Fomento.

Em contrapartida, nele se estabelece a concentração compulsiva das indústrias têxtil, da cortiça, metal-mecânicas, do açúcar, vidreiras, do papel, das conservas.

A par dos «planos», o governo (continua na 6.ª pág.)

AS ELEIÇÕES PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA

(continuação da 1.ª pág.)
ção nacional e a consequente dispersão do seu aparelho repressivo. Esta ilegalidade constitui uma nova manifestação do carácter ditatorial fascista e anti-popular do regime salazarista.

Concorrer às eleições!

Evidentemente que o governo lançou desde já as bases para novas burlas e ilegalidades eleitorais com o objectivo de colocar nas Juntas de Freguesia os apaniguados mais ferrenhos do regime. Mas os intentos anti-populares de Salazar podem ser frustrados numa grande medida se as forças democráticas e anti-salazaristas derem provas de iniciativa política e de um largo espírito de unidade concorrendo às eleições.

Há tarefas urgentes de organização, de agitação e propaganda que reclamam actividade imediata e uma comunicação imediata com as massas.

É indispensável, por exemplo, constituir comissões eleitorais de composição larga em todas as freguesias, agrupando as pessoas mais conceituadas e activas de cada localidade sem se ter a preocupação de indagar da sua filiação política. É comissão formada deve ser comissão a actuar, pois o tempo urge.

Não será ainda possível realizar em cada localidade amplas assembleias ou reuniões populares, a fim de se debaterem os problemas locais, a fim de se escolherem os candidatos a opôr aos da União Nacional?

A nosso ver isto é inteiramente possível e realizável, se todos os anti-salazaristas unirem os seus esforços e se lançarem ardorosamente ao trabalho.

Luta contra a política salazarista de abandono das populações locais

Uma vasta matéria de interesses locais reclama acção vigorosa e massiva das populações e pode e deve ser largamente agitada pelas forças oposicionistas.

Há imensos problemas que afectam a vida do povo, problemas quase inteiramente desprezados pelos governantes salazaristas e cuja resolução é urgente.

Em quase todas as localidades há falta de estradas e de caminhos vicinais, e muitos estão intransitáveis. Sabe-se que só as necessidades de estradas rurais são actualmente computadas, segundo os tachenos cálculos dos fascistas, em mais de 6.300 quilómetros. Mais de 50% das freguesias do país não estão electrificadas: mais de 26.000 povoações carecem de obras de abastecimento de águas e muitas das freguesias do país carecem de obras de sanidade, de escolas, de transportes e doutros serviços essenciais. Há deficiências gritantes na assistência pública e muitos problemas que os fascistas se mostram incapazes de resolver assumem um carácter agudo.

A luta pela conquista das Juntas de Freguesia é, ao mesmo tempo, uma luta consequente contra a política salazarista de abandono das populações locais e pela solução concreta dos seus agudos problemas.

Este carácter proporcionará a uma acção eleitoral da oposição anti-salazarista o largo apoio das massas populares.

Unidade larga e acção de massas

Um largo espírito de unidade deve presidir à elaboração das listas de candidatos populares. Presentemente só um reduzido punhado de grandes financeiros, industriais e agrários, que têm enchido os cofres à sombra da protecção do regime e alguns outros fascistas e reaccionários mais ferrenhos, estão contentes com a administração salazarista. A grande massa do povo tem sentido na própria carne os nefastos efeitos da política de Salazar.

Muitos homens honrados devotados à sua terra e ao seu povo, independentemente de se encontrarem ou não numa posição oposta ao salazarismo, estão chocados com o desprezo a que o governo tem votado as pequenas povoações. Muitos destes cidadãos estão dispostos a lutar seriamente pela defesa dos interesses dos seus conterrâneos e pela solução dos problemas locais.

Na elaboração das listas populares há que partir desta constatação política para agrupar esses homens e tudo fazer para os colocar à frente das Juntas de Freguesia.

Uma vez apresentadas as listas, impõe-se cuidar das operações eleitorais particularmente da mobilização dos eleitores e da fiscalização dos actos eleitorais.

Porém, todas estas acções não resultarão, se não for canalizado para elas o amplo apoio das massas populares. Especialmente na fiscalização das eleições, a experiência mostra que não basta a presença nas assembleias de voto de um ou dois delegados da oposição. É necessário fazer uma fiscalização de massas, não só junto das urnas como no exterior das assembleias de voto.

Isto é duma grande importância não só para assegurar a vitória das listas populares, como para impedir ou verificar as falcatruas dos salazaristas.

As eleições para as Juntas de Freguesia podem transformar-se numa grande jornada política anti-salazarista. A organização de comissões eleitorais, a agitação e propaganda à volta dos problemas locais e dos candidatos populares, aliados a uma acção e a uma fiscalização de massas contra as falcatruas, ilegalidades e burlas que o governo não deixará de fazer, poderão assegurar muitas vitórias, insuflar nova vida e dinamismo ao movimento democrático e anti-salazarista e aprofundar as brechas no seio do regime.

Abstenção eleitoral onde só se apresentar a lista da União Nacional

A concorrência às urnas somente deve realizar-se lá onde se apresentem listas populares opostas às da União Nacional.

Lá onde apenas se apresentar a lista governamental a única atitude

VIVA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

(continuação da 1.ª pág.)

«De 1950 para 1958 a República Popular da China decuplicou aproximadamente a sua produção industrial. O Partido Comunista da China fixou em 1957 o objectivo de ultrapassar no decurso dos próximos 15 anos a Inglaterra no volume de produção dos ramos essenciais da indústria. O movimento popular para «o grande salto em frente», que tomou grande amplitude no país, mostra que o povo chinês atingirá esse objectivo em prazos muito mais breves».

Esse movimento popular para «o grande salto em frente» tem a sua mais eloquente expressão no sucesso verificado com a criação das Comunas Populares. A partir do verão de 1958, em curtos meses, obedecendo ao ardente desejo das amplas massas camponesas e às directrizes do Partido Comunista, mais de 740.000 cooperativas agrícolas de produção transformaram-se através de todo o país em mais de 26.000 Comunas Populares. Nelas ingressaram mais de 120 milhões de famílias camponesas, isto é, mais de 99% do total das famílias camponesas de toda a imensa China.

Nas Comunas Populares ficam entrelaçadas a indústria, a agricultura, o comércio, o ensino e a preparação militar, bem assim como o poder local e a organização económica.

As Comunas Populares permitem coordenar a mão-de-obra e os meios de produção, utilizá-los de forma mais racional e mais efectiva que antes, o que impulsiona extraordinariamente o aumento da produção. Debajo da direcção única das Comunas entrelaçam-se estreitamente e progredem com rapidez a indústria, a agricultura, o comércio, o ensino e a preparação militar. As Comunas Populares melhoram as condições de vida do povo e organizam por toda a parte restaurantes públicos, creches, jardins infantis, residências para pessoas inválidas e de idade, etc., etc.

Para este desenvolvimento impetuoso da construção socialista na República Popular da China tem contribuído de forma decisiva também o auxílio desinteressado da União Soviética e dos outros países industrialmente mais avançados do campo socialista. Sob a forma de créditos, montagem de empresas industriais, auxílio téc-

nica e científico, formação de quadros especializados, o auxílio soviético tem sido vasto e precioso.

O povo chinês sabe que o cumprimento decidido de revolução técnica e cultural em que se lançou audaciosamente permitirá um largo desenvolvimento das forças produtivas da sociedade e uma elevação considerável da produtividade do trabalho, uma importante consolidação do Estado Socialista e ao mesmo tempo uma melhoria bem sensível das condições materiais e culturais da sua vida.

O povo chinês costuma dizer que «Tudo está nas mãos dos homens» e que «As decisões dos homens são mais fortes que os decretos do céu». As vitórias retumbantes alcançadas pelo grande povo chinês sob a direcção sábia do Partido Comunista da China e do Governo Popular provam que é somente a acção unida e organizada das vastas massas — dos homens laboriosos e honrados de todas as condições sociais — que dependem os grandes sucessos. Como salientava um camarada chinês, hoje a nação chinesa vive já essa grande época prevista por Carlos Marx, em que «o espaço de um dia vale 20 anos».

Como salientou o camarada Mao Tsé Tung, «em todo o país o espírito comunista desenvolve-se impetuosamente. A consciência política das largas massas eleva-se rapidamente. As camadas atrasadas das massas tomaram fôlego e, com todas as suas forças, procuram alcançar as mais avançadas. Isto permite um progresso rápido de revolução económica socialista... «da revolução política, da revolução ideológica, da revolução técnica e da revolução cultural no nosso país. Daqui decorre que, para que o nosso país alcance a produção industrial e agrícola dos grandes países capitalistas, não será necessário um período tão longo como nós ao princípio pensávamos».

Interpretando o sentir das massas populares de Portugal, de todos os portugueses avançados e progressivos, o «Avante!» saúda o grande povo chinês, a valente classe operária da China, o Partido Comunista da China e o Governo Popular pelas grandiosas vitórias já alcançadas na construção do socialismo, ao mesmo tempo que expressa os sentimentos fraternais do povo português pela grande nação chinesa, quando esta comemora o 10.º aniversário da República Popular.

justa é a da abstenção eleitoral.

Mas, mesmo neste caso, a fiscalização das massas populares deve ser feita, a fim de impedir as costumadas «chapeladas» dos salazaristas e de verificar e desmascarar as suas falcatruas e ilegalidades.

Apesar do curto espaço de tempo que falta para a realização das eleições muito pode ainda ser feito pelas forças anti-salazaristas se todos meterem urgentemente mãos à obra.

Unidade para obter uma grande vitória política nas eleições para as Juntas de Freguesia!

Unidade para afastar Salazar do Poder e para a constituição dum governo de portugueses honrados!

OIÇA A RÁDIO!
RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente para Portugal no horário das 21,30 às 23,30 horas, pelas ondas de 19, 25-31 metros.

RÁDIO PRAGA

Transmite diariamente para Portugal, das 19,30 às 9,55 em 16, 19, e 25 metros e das 22 horas às 22,30 pelas ondas de 16, 19, 25, 31 e 41 metros.

Rádio Pequim

Transmite diariamente em espanhol das 19,30 às 19 horas e das 22 às 22,30 pelas ondas de 25 e 41 metros.



“DESAPEGO DA VIDA, FORÇA DO MANDO E OBEDIENCIA CEGA” —

— É A PALAVRA DE ORDEM DOS COLONIALISTAS

Salazar e os seus acólitos querem esmagar com a violência os legítimos anseios dos povos coloniais e, neste sentido, preparam toda uma campanha do mais vergonhoso colonialismo. Essa campanha combina dois aspectos: o ideológico e o militar.

Assim, para as colónias partiram grupos de rapazes da Mocidade Portuguesa e, inclusive, o próprio subsecretário da Educação Nacional, que nas suas discursatas faz apelos à necessidade de se formar um escol colonialista, uma mentalidade colonialista.

E, agora, o Ministro do Exército anuncia que, «pela primeira vez em toda a vida do Ministério do Exército, vão seguir para o Ultramar todos os novos oficiais de carreira das várias armas e serviços, isto é, 95 oficiais».

Para quê?

O sr. Ministro dá a resposta: «Para criar em vós (nos oficiais) uma mentalidade capaz de compreender e de aceitar as grandes tarefas que vos estão reservadas... para a formação técnica e moral dos que virão a ser futuros chefes militares».

Quais essas tarefas?

Responde também o sr. ministro, embora envolva a crua realidade dos factos em roupagens patrioteiras. Aos novos oficiais é destinada a tarefa de «colaborar, directa ou indirectamente, no estabelecimento da lei, na manutenção da ordem e da paz, pondo energicamente termo a quaisquer tentativas de luta interna ou de subversão».

Lei, ordem e paz salazaristas, que o mesmo é dizer exploração e opressão até ao brutal esmagamento dos mais humanos e justos anseios dos povos indígenas. São estes os objectivos da vossa missão nas colónias durante dois anos, jovens oficiais das forças armadas. É uma mentalidade de refinado colonialismo, com todos os seus métodos de extermínio e violação, aquela que os salazaristas pretendem inculcar-vos, a vós que começais a vossa carreira. «Desapego da vida, força do mando e obediência cega» — eis a palavra de ordem dos colonialistas para defenderdes os seus sordidos interesses.

Quando o sr. Kaulza de Arriaga, subsecretário da Aeronáutica, grita que «não podemos esquecer que nas colónias está o nosso grande passado e tem de estar o nosso grande futuro», que «a noção clara dos factos exige que cada vez se dedique maior atenção à defesa do ultramar português» — ninguém ignora que esse «grande» passado e esse «grande» futuro estão envolvidos no suor e no sangue dos povos indígenas, vilmente escravizados há centenas de anos. Não é o futuro do povo português que está em causa, mas sim o futuro dos grandes roceiros e colonialistas, como os srs. Paulo Cunha, Marcelo Caetano e Manuel de Melo, como o próprio ministro das colónias, os tubarões da Companhia dos Diamantes, dos Petróleos de Angola, etc. e o próprio imperialismo estrangeiro, explorador dessa riquíssima fonte de matérias primas que são as colónias portuguesas.

Estamos convencidos de que, apesar de todas as coações e de todas as manobras provocatórias que

os colonialistas possam tramam, no ânimo, dos 95 oficiais triunfarão a sua juventude generosa e a voz da razão e da justiça, de modo a que a sua estadia nas colónias seja uma verdadeira escola de esclarecimento sobre as arbitrariedades e os crimes do Governo e não de ódio contra os povos indígenas, que lutam pela sua liberdade e independência. Patriotismo e colonialismo são duas coisas antagónicas, que espíritos bem formados não podem jamais confundir. Todos os povos têm o direito de escolher livremente o seu destino. Isto não é nenhum crime. O que é crime é a política salazarista de opressão e exploração, são as prisões em massa, são os massacres de S. Tomé e de Timor, é o recente fuzilamento de 26 grevistas na Guiné, é a fome e a miséria sob todas as formas, que vai aniquilando os povos nativos.

As violências dos salazaristas contra os povos das colónias nenhum bem trazem ao povo português, mas, pelo contrário, elas são o germen de uma guerra que seria um servedouro de vidas e de bens.

PRECISAMOS DE DETER A ONDA REPRESSIVA QUE AVASSALA A NAÇÃO!

Abalado até aos alicerces pelo ascenso revolucionário das massas que se verifica de Norte a Sul do País, pelas suas próprias dificuldades internas e pela agudização de problemas nacionais que o salazarismo como regime fascista e enfadado não pode resolver, Salazar procura aguentar a nau, apoiando-se fundamentalmente na PIDE e nas restantes forças repressivas submetidas ao controle e direcção da primeira.

Uma onda policial descarada e cruel, que não respeita nada nem ninguém, avassala a Nação. Casos particulares, estabelecimentos, meios de transporte, cidadãos que pacificamente se dirigem às suas ocupações ou aos seus lares, continuam a ser assaltados, a qualquer hora, pela horda bandidesca da PIDE. Em muitas localidades é proclamado o estado de sítio, com horas certas de recolher e vigilância intensa.

As prisões sucedem-se diariamente. No Porto, na Senhora da Hora, em Valongo, em Barcelos, em Aveiro, em Braga, em Lisboa, no Montijo e noutras localidades foram presos ultimamente vários democratas e anti-salazaristas.

No dia 23 de Julho, com grande aparato policial, foi assaltada uma tipografia legal de Braga pela PIDE e PSP, que prenderam o proprietário e todos os empregados. Por toda a parte se nota a raiva salazarista contra os jovens, no sentido de aniquilar a União da Juventude Portuguesa e o Movimento Nacional de Estudantes. Recentemente foram presos vários jovens em Coimbra, em Manteigas, no Porto, em S. João da Madeira, na Covilhã e em Aveiro.

Continuam as prisões e os espancamentos selváticos, formas de tortura dignas da Gestapo e da Santa Inquisição de famigerada memória. Torturas tais, físicas e morais, que os presos chegam a ter alucinações, muitos enlouquecem ou contraem outras graves doenças. Outros sucumbem, friamente assassinados.

Nas prisões de Caxias, do Aljube e de Peniche encontram-se democratas com muitos e muitos meses de prisão, alguns mesmo com um, dois anos e mais, que ainda não foram julgados. Tal arbitrariedade, que é já de si um crime, ganha maior vulto, se não esqueçermos que, em caso de condenação a pe- (continua na 4.ª pág.)

A REPRESSÃO AOS CATÓLICOS E O SILENCIO DO ALTO CLERO

Numerosos católicos, muitos deles membros das organizações católicas e até mesmo padres, quer no País quer nas colónias, têm sido presos por discordarem da política anti-nacional salazarista. Os católicos progressistas e o Bispo do Porto têm sido furiosamente caluniados e ameaçados pelos salazaristas e pelo próprio Salazar. Recentemente, todos os católicos que subscreveram um documento a Salazar denunciando as arbitrariedades e crimes cometidos pela PIDE foram interrogados por esta e foi-lhes feito um processo.

Há já 2 meses os jornais noticiaram, sem mais comentários, a ida do Sr. Bispo do Porto ao estrangeiro. D. António Ferreira Gomes ainda não regressou e, segundo informações que nos chegam, não se trata duma simples viagem, mas sim duma verdadeira deportação, realizada às escondidas e só possível com a colaboração de altos dignitários da Igreja, do Cardinal Cerejeira e do próprio Vaticano.

O silêncio oficial do Alto Clero ante a feroz repressão salazarista e arbitrariedades cometidas contra o povo português, incluindo des-tacados católicos e padres, só pode ser interpretada como uma comprometedorá convivência com o odiado regime salazarista. Os portugueses e em especial os católicos não deixarão certamente de confrontar este silêncio com as chamadas «marchas de silêncio» organizadas pelo Alto Clero, como protesto contra a «perseguição» — que diziam haver — aos católicos nos Países do Socialismo.

Tal silêncio não é de estranhar em pessoas como o Cardinal Cerejeira e Arcebispo de Évora que tudo fizeram no passado e continuam fazendo no presente para tornar a Igreja no principal sustentáculo do condenado re-

gime salazarista. Mas este não é o pensamento das massas católicas e duma parte do próprio Clero, que se encontram irmanados com os sentimentos e anseios do nosso povo.

Os sentimentos religiosos das massas católicas não podem ficar indiferentes perante a continuação das violências e crimes dos salazaristas. Católicos e ateus, são todos portugueses irmanados pelo anseio comum de pôr cobro à repressão salazarista e conquistar para a sua Pátria um regime democrático e pacífico.

Todos devem, pois, exigir o regresso imediato ao País do Bispo do Porto, forçar o Alto Clero a dar explicações públicas da sua deportação e a definir a sua posição ante a continuação das prisões e perseguições de pacíficos cidadãos.

LIBERDADE PARA SANCHEZ MONTERO!

Há mais de 2 meses que este destacadado patriota, membro do Bureau Político do C.C. do Partido Comunista Espanhol, sofre as mais violentas e desumanas torturas.

Preso durante a onda repressiva que se seguiu à greve nacional pacífica de 18 de Junho, as autoridades franquistas preparam-se para condenar à morte Sanchez Montero, procurando fazê-lo secretamente dentro das paredes dum tribunal militar.

Apesar do perigo que o ameaça, este estóico comunista e patriota espanhol recusou responder a todas as perguntas feitas pelos seus algozes assim como se negou a fazer determinadas declarações exigidas. Desassombadamente dispôs-se a fazer uma Declaração, segundo o seu parecer, que os carrascos franquistas tiveram que aceitar.

TRIBUNA DO LEITOR

A exploração nos transportes rodoviários

O que se está a passar na empresa de Transportes Rodoviários é de facto um autêntico roubo autorizado pelo Estado. Os camaradas motoristas do Norte devem exigir no Sindicato que lhes seja pago o dia de descanso, pois ao domingo tendes de fazer o serviço de carreira da mesma maneira e nada vos é pago por isso.

Também na empresa de transportes Lusitana os empregados trabalham horas sem conta. As vezes ultrapassam 16 horas sem lhe pagarem mais por isso. O gerente já fala em que devam trabalhar ao domingo sem qualquer remuneração. Esta empresa obriga os seus empregados a pagar os estregos que os carros sofrem em acidentes, às vezes 350\$00 e mais. Roubam de tal modo aos empregados que esse dinheiro lhes chega para segurar os carros contra todos os riscos. Quer dizer, embolsam o dinheiro que o seguro lhes paga.

Motoristas, lutai unidos para que essas injustiças sejam abolidas. A luta é a nossa melhor arma para a conquista das nossas reivindicações.

Nela, Sanchez Montero afirma ter sido incumbido pelo Partido de dirigir a actividade de organização em Madrid. Expõe os objectivos fundamentais dos métodos da actividade do Partido, destacando serem estes exclusivamente pacíficos.

Sanchez Montero foi agora condenado pelos tribunais militares franquistas a 20 anos de prisão.

Juntamente com a opinião pública progressista internacional, profundamente preocupada com a ameaça que paira sobre a vida de SIMÃO SANCHEZ MONTERO, deve todo o povo português aliar os seus mais enérgicos protestos contra tal crime.

Escrevamos à Embaixada Espanhola exigindo a anulação da injusta condenação de Sanchez Montero e a sua libertação imediata.

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

Table with columns for date (e.g., JUNHO 1959), name, and amount. Includes entries for various individuals and groups like 'Para libertar o povo', 'Para o comunismo', etc.

Table with columns for category (e.g., Veterinário de-mocrota), amount, and recipient name (e.g., Viva a democracia).

PARA A CAMPANHA DOS MIL CONTOS

Table with columns for amount, category (e.g., Transp. 737-888\$00), and recipient name (e.g., A luta, Ajudamos o Partido).

DETER A ONDA REPRESSIVA

(continuação da 3.ª pág.) e o seu bando. A nossa força é a força da justiça e é, além de tudo o mais, uma força de milhões. No nosso bairro, na nossa escola, no nosso local de trabalho, no nosso clube, há outras pessoas que, como nós, estão dispostas a fazer alguma coisa contra as arbitrariedades e os crimes de Salazar, que estão dispostas a lutar para defender a vida e alcançar a liberdade dos patriotas presos. Explicando o sentido puramente humano e de justiça da luta contra a repressão, agrupando-nos, formando comissões, fazendo abaixo-assinados e desenvolvendo as mais diversas e múltiplas acções que estiverem ao nosso alcance, nós estamos forjando uma poderosa frente nacional contra a repressão e pela amnistia. Unidos, fazemos recuar o inimigo por muito cruel que seja e vencemo-lo-emos fatal e definitivamente, tão certo como à noite suceder o dia. O Partido Comunista Português lança de novo um apelo ao nosso povo para que intensifique a sua luta contra a repressão, para que novos êxitos se somem aos êxitos já alcançados, para que se organize no País uma potente frente nacional contra a repressão e pela amnistia. O Partido Comunista Português, profundamente sensibilizado e valorizando devidamente o precioso auxílio prestado pelos partidos irmãos à nossa luta contra o terror salazarista, particularmente os últimos comícios de apoio realizados na União Soviética pelos operários de várias fábricas de Moscovo, de Leninegrado e da Ucrânia, continua a apelar para todos os povos, para todas as organizações democráticas e progressivas, à escala mundial, para que nos ajudem, por todas as formas ao seu alcance, a desmascarar a onda de crimes da ditadura fascista e a libertar todos os democratas e anti-salazaristas encarcerados. No Aljube, em Caxias, em Peniche, nas sedes da PIDE, a esperança não morren nos corações dos nossos companheiros de luta. Eles confiam em nós e nós os arrancaremos às garras da Fide e de Salazar.

RUBRICAS ATRASADAS

Table with columns for date (e.g., JANEIRO 1959), amount, and category (e.g., Ajuda aos perseguidos políticos A 160.00).



NO CAMINHO DA LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO

As condições de vida dos trabalhadores portugueses longe de melhorarem, como apregoa o ministro das Corporações, cada dia se agravam mais. Os salários não sobem, mas sobe o custo de vida, sobe a exploração do patronato.

Para os trabalhadores só há um caminho, o duro caminho da luta. Os exemplos dos mais esclarecidos e mais combativos vão alastrando por todo o País. Relatamos hoje algumas dessas lutas.

TÉXTIL

Guimarães — A firma Alberto P. Machado quis obrigar os operários a pagar 300 canelas que se haviam partido, porque o patrão resolveu adaptar canelas alemãs, próprias para teares automáticos, aos caneleiros dos teares antigos. Para isso, estabeleceu multas de 28\$50, que os trabalhadores, entretanto, não estiveram dispostos a deixar descontar. Ao clima de descontentamento, que se começou a gerar desde logo, sucedeu uma concentração de todos os trabalhadores da empresa junto da gerência para reclamar contra esta arbitrariedade do patrão e exigindo a presença deste.

O miserável explorador recusou-se a aparecer e deu ordem aos empregados superiores para que não deixassem entrar nenhum operário. Mas os valentes têxteis não se deixaram intimidar e invadiram o escritório, continuando a exigir a presença do patrão. Este, apavorado, ordenou então que fossem levantadas as multas.

Foi uma bela vitória que os trabalhadores alcançaram. É que, contra a sua unidade e firmeza, nada podem os patrões.

Porto — Esta numerosa classe vem-se movimentando por um aumento de salários e outras reivindicações. O Sindicato, entretanto, que devia ouvir e defender os operários, recusa-se a atendê-los e a discutir uma exposição da classe.

Numa fábrica da cidade continuam as multas. Mas os operários começam a compreender que é preciso fazer parar as arbitrariedades dos patrões e que não é impossível consegui-lo. A prová-lo está o exemplo de 40 operários que, unidos e firmes, protestaram contra as multas e exigiram que lhes fosse paga a fêria por inteiro, o que conseguiram.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Zona da Amadora — Numa obra, o patrão roubava quase uma hora por dia a cerca de 20 operários. Como os protestos junto do patrão não resultassem, os trabalhadores resolveram largar às 17 horas, deixando 3 estâncias cheias de massa, que se estragou. Esta atitude enérgica ensinou o patrão ladrão a mandar largar à hora devida.

Também noutra obra os operários, perante os baixos salários, começaram a pedir aumento, mas individualmente. Como nada conseguissem, resolveram juntar-se todos e juntos irem falar com os patrões que, ante a unidade dos trabalhadores, concederam aumentos de 2\$00 para os serventes e 3\$00 para os pedreiros, passando, assim, a ganhar, respectivamente, 28\$00 e 30\$00.

CARRIS

Porto — Os guarda-freios, que ga-

nham 48\$00, estão recolhendo assinaturas para uma exposição que reivindica a equiparação do seu salário ao dos motoristas dos autocarros (57\$00) e as mesmas regalias destes, como, por exemplo, o seguro contra todos os desastres. Nesta sua acção, os guarda-freios têm o apoio do seu sindicato, que já enviou uma proposta com o mesmo fim para o INT.

NAS COLÓNIAS

Apesar das violências brutais que os colonialistas movem contra os trabalhadores, sobretudo contra os nativos, também eles se levantam e lutam por melhores condições de vida.

Em Luanda, numa obra do Estado, 14 homens de cor, operários da Construção Civil, abandonaram o trabalho por lhes ser negado aumento de salário. O Estado é um patrão «exemplar», como se vê...

— Numa empresa fabril, perto de 60 operários brancos abandonaram o trabalho como protesto contra o pagamento a singelo das horas extraordinárias e 60 operários de cor fizeram greve durante 2 dias por lhes ter sido negado transporte.

Como se vê, ali onde os operários se uniram e foram firmes, o patronato explorador foi obrigado a recuar e a satisfazer as reivindicações formuladas.

Nas suas acções sindicais, os trabalhadores têm que estar atentos às manobras do corporativismo, que é rico em promessas, promessas essas que visam longos e intermináveis adiamentos, para cansar e adormecer os trabalhadores.

Contra essas habilidades, é necessário pôr na acção muita persistência e, sobretudo, forjar a unidade da classe em luta.

PORTUGAL

REFÚGIO DE DITADORES E CARRASCOS ESCORRAÇADOS

Fugido ao ódio do valente povo cubano que, como Presidente da República, explorou e oprimiu durante longos anos, estabeleceu residência na Ilha da Madeira o ditador Baptista.

Com a sua pesada bagagem de crimes, Baptista e a sua comitiva foram despachados pelos imperiais americanos para o seu criado às ordens, o sr. Salazar.

Portugal vai-se tornando, assim, refúgio de ditadores e carrascos escorraçados: hortystas, Humbertos de Itália, Baptistas e quejandos.

A presença do ditador cubano é um novo enxovalho lançado ao nosso povo por Salazar. Tal presença é vivamente repudiada pelo povo português que acolheu com muito entusiasmo e muita simpatia a libertação do povo cubano.

Perante o insulto, devemos escrever cartas e postais e fazer telefonemas para o Ministério dos Negócios Estrangeiros e para a Presidência do Conselho, exigindo que a presença do ditador cubano seja imediatamente desfeita. Portugal não quer ser posto das provocações e dos maneios dos Baptistas e dos seus patrões imperialistas contra a República de Cuba.

Fora Baptista, carrasco do povo cubano!

NA PIDE SÓ FALA QUEM QUER

Com a ajuda de miseráveis traidores e de alguns outros elementos que fraquejaram perante as torturas, a PIDE procura espalhar o falso conceito de que ninguém resiste aos seus «novos» métodos.

Em primeiro lugar, convém deixar claro que não há «novos» e «velhos» métodos de fazer falar os presos. O bom ou mau comportamento depende essencialmente da força moral, da honradez e da fidelidade aos compromissos assumidos. A polícia política (PIDE) sempre foi feroz, os seus métodos todos sempre foram cruéis e sanguinários. A prová-lo, recordemos, entre outros factos, que já em 1937 a PIDE torturou barbaramente Alvaro Cunhal e outros patriotas; lembremos os mortos do Tarrafal e os nossos heróicos camaradas Militão, Alex, Moreira, Marquês, Vidigal, Tomé, Augusto Martins, Ferreira Soares, etc., friamente assassinados há mais duma dezena de anos.

O facto da PIDE refinar os seus processos — e esta é uma verdade incontestável — não pode ter como consequência a quebra de resistência moral dos presos e finalmente a traição mais abjecta. Pode determinar, e isso nunca foi posto em causa, a quebra da resistência física. Com efeito, muitos democratas e patriotas têm sucumbido, uns perdendo os sentidos por longas e longas horas, dias inteiros, outros começando a sentir perturbações mentais, enlouquecendo mesmo, e contraindo outras doenças graves. As brutalidades da polícia venceram-nos fisicamente, mas não conseguiram derrubar a sua dignidade e a sua firmeza ideológica. Esses comunistas e anti-fascistas continuam de cabeça erguida e corações limpos, nem a morte conseguirá apagar a sua presença viva, que enche caminhos e aponta o rumo.

Os «novos» métodos só são eficazes para os cobardes, para os que não entranharam em si o autêntico significado da luta contra o salazarismo, pela Democracia, pela Paz e pelo Socialismo. Para os que não entranharam em si o Partido, os seus objectivos, toda a grandeza e responsabilidade do mais belo ideal da Humanidade, toda a honra e orgulho pela nossa qualidade de comunistas ou de simples democratas e anti-salazaristas. Os «novos» métodos não deram resultado com Jaime Serra, Joaquim Gomes, Pedro Soares, José Magro, Guilherme de Carvalho, Joaquim Carreira, Rogério de Carvalho, Aboim Inglês, Carlos de Brito, Saboga e outros. Eles não deram resultado com as valentes mulheres, nossas companheiras de luta, Sofia Ferreira, Aida e Luisa Paula, Adélia Terruta, Maria da Piedade Gomes e outras simples democratas que souberam defender a sua honra e a confiança nelas depositada.

Ao cairmos nas garras da PIDE nunca devemos esquecer-nos de que «não somos os representantes dum Partido vencido ou dum causa vencida. Somos os representantes dum grande Partido nacional, dos operários, dos camponeses, de todos os explorados e oprimidos do nosso País, somos os representantes da força de vanguarda na luta pela Democracia, a Independência e a Paz, somos os representantes dum causa já hoje historicamente triunfante». Pertence-nos o futuro, são as nossas próprias mãos que o ajudam a construir. Ao nosso lado palpita

tudo o que é novo ardente de vida, de beleza e de felicidade. Que podemos temer contra um inimigo decadente, odiado e sem futuro, velho na sua estrutura e nos seus objectivos? Que podem os espancamentos mais brutais contra nós, que somos os defensores do que de mais profundamente humano existe?

As torturas não podem fazer-nos esquecer que na nossa Pátria continua no Poder um tirano empedernido, chefe dum regime que há 33 anos explora e oprime o povo sem piedade. Não podem fazer-nos esquecer os companheiros que tombaram heroicamente na luta e os que a continuam numa abnegação sem limites.

São significativas as mensagens dos camaradas que mantiveram um firme comportamento ante a polícia. Elas são portadoras da sua confiança no Partido, na vitória final sobre o salazarismo e de uma radiosa alegria própria de quem cumprira o seu dever. Estes homens e estas mulheres são o orgulho do Partido e do povo que vêm nos filhos queridos e valerosos que é necessário arrancar das mãos dos salazaristas.

Falam de modo bem diverso aqueles que traíram os seus ideais e que, merecedores do seu porte indigno, tantos prejuízos causaram à luta anti-salazarista e à sua força de vanguarda, o Partido Comunista Português. Alguns, a quem um resto de consciência ainda ficou, reconhecem quando funda foi a sua queda e dizem, com o amargor da desonra a queimar-lhes os lábios: «Nunca falei na polícia. Sofri-se mais depois de se ter falado do que antes de o fazer. A consciência é algo extremamente eficaz, está sempre conosco, mesmo a dormir nos acusa».

Sim, vale mais suportar todas as torturas do que percorrer o estranho e escuro caminho da traição. Não há nada que compense a alegria de poder olhar nos olhos todos os companheiros de luta, a alegria de poder participar de novo na luta activa das fileiras de vanguarda.

A coragem ante o inimigo não é uma utopia, era e o resultado da consciência da responsabilidade, da confiança na causa por que lutamos e da vontade firme de não manchar uma vida honrada. E esta força que levamos conosco nem métodos «velhos» nem métodos «novos» serão capazes de a vencer.

OS COLONIALISTAS PORTUGUESES EM DIFICULDADES

Todos os dias os jornais portugueses dedicam várias colunas ao litígio com a União Indiana, em debate no Tribunal Internacional de Haia.

Os advogados portugueses que defendem as pretensões colonialistas do governo de Salazar, fazem longos discursos sem conteúdo válido.

Entretanto, há uma certa curiosidade: Que argumentação encontrarão esses senhores advogados para impingirem por verdadeiras as falsas cópias dos documentos autênticos que, ainda por cima, estão nas mãos do Governo Indiano?

Os salazaristas estão em sérias dificuldades ante a perspectiva de mais um desaire para a sua vergonhosa política colonialista. É que isto de forjar documentos é coisa muito suja e a verdade acaba sempre por vir ao de cima.

Quem pode com justiça decidir das questões goesas a não serem os próprios goeses? Por muito que pese aos colonialistas portugueses e aos seus patrões imperialistas, esta é a única solução.



A ECONOMIA NACIONAL

(continuação da 1.ª pág.)
multiplica as suas iniciativas monopolistas. Ainda na recente diligência dos industriais conserveiros do Algarve, o Secretário do Comércio mostrou claramente a perspectiva.

Recentemente, certos actos do Governo mais reforçaram esta conclusão. A indústria farmacêutica, por exemplo, já enfrentando uma desenfreada concorrência estrangeira, foi intimada pelo Governo a aumentar os presos das especialidades com uma taxa de 6%, a pretexto do custeio duma pretensa «cobertura sanitária» do País... Ao mesmo tempo, o Governo «sugeria» que reduzissem o número das especialidades produzidas. Os industriais de produtos farmacêuticos repudiaram a intimação, mas a ameaça permanece. Os grandes beneficiários desta medida seriam evidentemente os grandes produtores estrangeiros (em especial os alemães) e a CUP.

Um outro decreto acaba com a «discriminação» na produção de artigos de borracha. De futuro, todas as fábricas de borracha poderão produzir tudo... Claro está que não será a fábrica de alpargatas de Alcântara que poderá produzir pneus em concorrência com a Mabor, mas será seguramente esta empresa monopolista americana que inundará o mercado de artigos de borracha e estoriará com as pequenas empresas produtoras desses artigos.

Na posse do novo presidente do Conselho de Administração do porto de Lisboa, este disse que se vão «actualizar» as receitas de armazenagem, cargas, descargas, fiscalização, etc., o que significará um acréscimo de encargos para os exportadores portugueses. Como estímulo à exportação é concludente...

É evidente que todas as iniciativas económicas do Governo, todas as suas «leis reguladoras», todos os seus «condicionamentos industriais» se orientam para um mesmo objectivo: assegurar o completo domínio dos monopólios sobre a economia nacional.

Uma guerra comercial devastadora para a economia nacional

Porém, uma séria ameaça que pesa sobre a economia nacional é a recente adesão de Portugal a um dos blocos antagónicos que se degladiam actualmente na Europa pela posse de novos mercados e uma nova repartição das fontes de matérias primas.

Com este acto inconsiderado do governo salazarista toda a situação económica nacional se agudizará extraordinariamente. Salazar arrastou conscientemente a débil economia portuguesa para a órbita duma guerra comercial que lhe será profundamente nefasta. Empenhado a fundo na sua obra de esfalecimento dos interesses nacionais em benefício dos grandes monopólios, Salazar vai agora buscar às dificuldades do nosso comércio externo, originadas pelo agravamento da luta de interesses monopolistas na Europa e pela política fascista de discriminação comercial, novos impulsos para o reforço do poder dos monopólios.

O discurso de 4 de Setembro do Secretário do Comércio soa como um dobre de finados para os secto-

res mais fracos da economia nacional. As suas directrizes são explícitas: é preciso eliminar a concorrência entre os produtores e comerciantes portugueses e ela será eliminada à maneira fascista, isto é, eliminando, do mesmo passo, da produção e do comércio, os industriais, comerciantes e agricultores que não disponham dum «apetrechamento técnico e duma organização eficientes».

Em linguagem corrente isto significa que só os monopólios terão o direito de existir, só eles gozarão do favor dos governantes fascistas, só eles estarão aptos para resistir à desenfreada concorrência estrangeira no próprio mercado nacional, tornada possível pela criminoso política de Salazar.

«Queremos na produção e no comércio empresas fortes e prósperas» — disse o «dinâmico» Secretário do Comércio, e estas palavras mostram o destino que o fascismo reserva às «fracas» empresas industriais, comerciais e agrícolas do país.

Mais um lobo à mesa do banquete

Um novo parceiro se prepara para comer a sua parte no «boio português» — a Alemanha de Bonn.

A recente visita do ministro Marcelo Matias à República Federal Alemã e o sentido das negociações ali realizadas são de molde a alarmar os meios económicos portugueses e todo o nosso povo.

Como se sabe, a Alemanha Ocidental é, de longe, o primeiro país exportador para o mercado português. Cabe-lhe a parte leão do nosso déficite comercial. Dos déficites acumulados da balança comercial portuguesa, relativos ao período de 1956-58, no montante de 17 mil contos, cabem a Alemanha Federal mais de 5 mil, ou seja, cerca de 30%! Durante o ano de 1959 esta tendência acentuou-se ainda mais.

Das negociações luso-alemãs resultaram agora compromissos altamente lesivos para os interesses do nosso país. Servindo-se da sua forte posição credora, a Alemanha de Adenauer impôs ao governo salazarista condições humilhantes e ruinosas para a nossa economia e independência.

Ao abrigo do II Plano de Fomento, que reserva cerca de 21% aos investimentos estrangeiros, os monopolistas alemães preparam-se para se apossar de posições dominantes na economia do País e das colónias. Neste último aspecto, era já bastante significativa a recente viagem do embaixador de Bonn em Lisboa a Angola e Moçambique. Ao mesmo tempo, o governo de Adenauer propõe-se «atenuar» o nosso déficite comercial com a Alemanha... aumentando as encomendas de munições!

Quer dizer, não são os produtos das nossas indústrias da cortiça, das conservas, dos têxteis e outras que vivem actualmente numa angustiada situação de crise, que aos revanchistas alemães interessa comprar, mas sim munições para a sua criminoso máquina de guerra.

O governo de Salazar curvou-se servilmente a estas humilhantes condições e assumiu compromissos que põem em grave risco a nossa independência nacional.

Depois dos monopolistas americanos, ingleses, belgas e franceses,

TRIUNFARAO

NO MUNDO AS FORÇAS DA PAZ!

O mundo está vivendo horas de extraordinária esperança. O mês de Setembro de 1959 ficará assinalado na História, pois, pela primeira vez, as mãos e o cérebro do Homem conseguiram vencer mil dificuldades e rasgarem o espaço até à Lua. A primeira grande vitória coube à ciência soviética, aos operários, aos técnicos, aos cientistas que constroem o mundo da Paz. Foi uma vitória particularmente cara para todos os milhões de seres que põem o melhor da sua vida na luta pela construção do socialismo. Como todos os êxitos do campo socialista, o foguetão soviético representa, antes de tudo o mais, uma garantia de paz. Estes e novos êxitos, que dia a dia se perspectivavam, fazem esfriar as esquentadas cabeças dos belicistas. Eles revelam igualmente que maravilhas estão ao alcance do saber humano e como seriam desvendadas tanto mais rapidamente quanto mais restritos fossem os desvios de energias e outras riquezas imensas para fins de guerra.

A ciência avança no mundo e, com ela, as forças da paz, porque no mundo existe o poderoso baluarte que é o sistema socialista, porque os povos se sentem incentivados a lutar pelo que de novo e melhor agora os alemães que vêm tomar o seu lugar à mesa do banquete, trazidos pela mão traidora de Salazar.

Afastar Salazar do Poder, quebrar as garras dos monopólios — eis a tarefa urgente

O governo salazarista procura apresentar a sua adesão à zona de Livre Câmbio e as negociações com a Alemanha de Bonn como a única solução que se oferecia a Portugal.

Os governantes fascistas silenciam completamente uma outra solução, aquela que poderia arrancar a situação económica do País da crise em que se debate — o estabelecimento imediato de relações comerciais e económicas normais com os países do campo socialista.

Sabe-se como outros países subdesenvolvidos como o nosso têm encontrado uma ajuda desinteressada junto dos países socialistas, em particular junto da poderosa União Soviética, sem que isso interfira no seu sistema de vida. Esta ajuda não atenta, antes fortalece a independência nacional desses países.

Mas uma tal viragem política económica nacional e outras medidas anti-monopolistas não serão possíveis com Salazar à frente do Governo. É cada vez mais evidente que só o seu afastamento do Poder poderá abrir o caminho, para a efectiva libertação da economia nacional das garras dos monopólios.

A classe operária, todos os trabalhadores da cidade e do campo têm de travar uma vigorosa batalha pelo seu pão e pelo pão dos seus. A luta pelo aumento dos salários e contra a carestia da vida tem de ser acompanhada duma vasta acção contra o desemprego e duma luta patriótica em defesa da independência nacional ameaçada. Neste luta a burguesia nacional está vitalmente interessada. Será através da aliança com a classe operária contra o inimigo comum — o salazarismo — que os pequenos e médios industriais, agricultores e comerciantes poderão defender eficazmente os seus interesses vitais ameaçados.

Fora com Salazar, fustor da ruína e da miséria dos portugueses!

lo a vida lhes oferece todos os dias. Apagar este feito extraordinário de ciência soviética não é possível, por esforcada que seja a reacção mundial. Os sábios de todo o mundo saudaram o lançamento do foguetão soviético como algo de extraordinário e as vozes conturbadas dos fascistas nada mais alcançam do que cobrirem-se de ridículo.

Outro acontecimento de profundo significado é a viagem de Krutchev aos Estados Unidos. Também pela primeira vez o 1.º dirigente do Partido Comunista e do Governo da União Soviética visita a maior potência capitalista. Foi aberta uma nova etapa nas relações internacionais. A aproximação de povos e de governos num rumo de coexistência pacífica vai ganhando terreno, a despeito das manobras de forças ainda poderosas que desejam a guerra.

A viagem de Krutchev aos Estados Unidos revestiu-se de um significado e de uma projecção altamente positiva, como era de esperar. Quer falando nas Nações Unidas, onde propôs, entre outras coisas, que cessem imediatamente as experiências nucleares e que se dê realização prática a um plano de desarmamento universal em quatro anos; quer na sua entrevista com os homens de negócios norte-americanos, quer nas suas conferências de imprensa, sempre as intervenções de Krutchev impressionaram pelo seu tom de sinceridade e pelo seu conteúdo concreto e construtivo. As propostas da União Soviética não têm sentido duplo, elas visam claramente a coexistência pacífica. O Socialismo deseja competir com o capitalismo, mas não na corrida aos armamentos e nos campos de batalha. O Socialismo deseja, competir, sim, mas no domínio da produção industrial e agrícola, no domínio da cultura e da construção dum mundo em que o Homem se sinta alegre e feliz.

A estas propostas tão objectivas o que responderão os governantes occidentais? A pressão dos povos e um pouco de bom senso certamente os obrigarão a algo mais do que os estafados discursos cheios de contradições e deturpações que visam sempre um arrastar da situação, que mantem em dramática expectativa toda a Humanidade.

Krutchev viajou pela America, bem vigiado para que não contactasse demasiado com o povo, tentos e tais são os receios e tal é a segurança ideológica do capitalismo. Mithres e milhares de pessoas simples saudaram o Presidente soviético e a sua comitiva. A mensagem de paz, convicção e amizade que lhes trouxe Krutchev calou profundamente no coração do povo americano. Krutchev não falou a linguagem dos lealistas submissos que habitualmente visitam Washington, falou como o representante de uma grande e poderosa Nação que, de igual para igual, estende francamente a mão, propondo a paz e a amizade entre todos os povos do mundo.

Por tudo isto é pensante a complexa situação internacional presente, a visita de Krutchev aos Estados Unidos e o comunicado final conjunto vem merecendo o apoio caloroso de todos os que desejam sinceramente um entendimento e tem a sua clara repercussão nos círculos governantes occidentais que são obrigados a falar de modo mais comedido.

Acresce da proposta de desarmamento universal, Krutchev declarou: «Não pedimos aos nossos interlocutores que decidam imediatamente este problema. Têm tempo para estudo das nossas propostas. Sejam pacientes e não nos apressemos. Deixamos-lhes tempo para se examinarem. Mas continuaremos a insistir na necessidade de se alcançar um desarmamento geral. A nossa proposta é uma base de discussão. Estamos prontos a emendá-la e a examinar todas as propostas que surjam a este respeito.»

Que mais pretendem os dirigentes do Ocidente? Não é verdade que lhes é franqueada a porta e estendida a mão?

A propaganda salazarista procura diminuir a importância política da visita de Krutchev aos E. Unidos e dar a entender que ela foi um insucesso. Mas para os milhões e milhões de pessoas simples do mundo inteiro abriram-se agora prometedoras perspectivas. Como disse Krutchev, «estamos seguros de que vencerá a razão».